



IGREJA DO CARMO, em Itu.
Pinturas internas do Frei
Jesuino do Monte Carmelo,
um artista negro do século XVIII

"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento" dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

ENTRE A MATRIX E A ESCOLA: TEATRO DO OPRIMIDO, PEÇA DIDÁTICA E AS DISCUSSÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA SALA DE AULA

Gildo de Jesus Santos¹
Universidade Federal da Bahia - UFBA

Resumo

Este artigo apresenta experiências pedagógicas desenvolvidas com estudantes do Ensino Médio a partir do Teatro do Oprimido, de Augusto Boal, e da Peça Didática, de Bertolt Brecht, como estratégias para problematizar questões relacionadas a gênero e sexualidade no contexto escolar. A pesquisa, de caráter qualitativo e inspirada na observação participante, foi realizada nas aulas da componente curricular de Arte, no IFSP (Capivari), por meio de jogos, improvisações e processos de composição cênica, articulando a experiência dos estudantes às discussões sobre normas de gênero, sexualidade e identidade. As práticas possibilitaram a criação de espaços de investigação, criação, diálogo e reflexão crítica sobre situações de opressão vivenciadas no cotidiano da escola, especialmente aquelas relacionadas a grupos historicamente marginalizados. Os resultados evidenciam que os estudantes ampliaram a sua capacidade de análise das relações cotidianas e sociais, produziram leituras críticas sobre mecanismos de exclusão e construíram coletivamente alternativas para o enfrentamento das violências. Conclui-se que o teatro, quando compreendido como prática estética, pedagógica e política, atua na promoção de uma educação crítica e democrática, contribuindo para a valorização das diferenças, o fortalecimento do diálogo, a construção de práticas artístico-pedagógicas que enfrentam os sistemas de dominação e de novos modos de existência na escola e na sociedade.

Palavras-Chave: diversidade; educação crítica; gênero e sexualidade; peça didática; teatro do oprimido.

Introdução

As discussões sobre gênero e sexualidade têm ocupado lugar de destaque nos debates educacionais contemporâneos, especialmente diante das tensões que envolvem o reconhecimento das diferenças, a garantia de direitos e a construção de práticas pedagógicas comprometidas com a diversidade. Na escola, essas questões atravessam as relações cotidianas, os processos de ensino e aprendizagem e as formas pelas quais os sujeitos são

¹ Artista da cena, professor de teatro e pedagogo. Licenciado em Teatro pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e em Pedagogia pelo Centro Universitário Internacional (Uninter), com especialização em Ensino de Artes pela mesma instituição, mestrando em Artes pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Desenvolve pesquisas nas áreas de Pedagogia do Teatro, cineclubismo na escola, estudos de gênero e sexualidade. gildomac31@gmail.com • <http://lattes.cnpq.br/4128842473585690>.

Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:





IGREJA DO CARMO, em Itu.
Pinturas internas do Frei
Jesuino do Monte Carmelo,
um artista negro do século XVIII

"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

reconhecidos ou excluídos, tornando-se um importante campo de investigação para a educação e para as artes.

Partindo dessa compreensão, este artigo apresenta reflexões decorrentes do projeto Construindo Zion, desenvolvido com estudantes do Ensino Médio, no IFSP - Campus Capivari², que teve como propósito investigar as potencialidades do teatro para a problematização das questões de gênero e sexualidade na sala de aula. O estudo buscou compreender de que maneira práticas teatrais fundamentadas no Teatro do Oprimido, de Boal, e na Peça Didática, de Brecht, podem contribuir para a construção de processos educativos críticos, participativos e comprometidos com o reconhecimento da diversidade e enfrentamentos dos sistemas de dominação.

A pesquisa teve como objetivo analisar experiências pedagógicas desenvolvidas com estudantes a partir dessas duas abordagens teatrais, observando como os processos de criação cênica mobilizam reflexões sobre normas de gênero, identidade, discriminação, reconhecimento e enfrentamento. Para isso, foram realizadas atividades de experimentação corporal, jogos teatrais, Teatro-Imagem, improvisações e composições cênicas inspiradas no conceito brechtiano de modelo de ação.

Enquanto metodologia, trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, fundamentada na observação participante e na análise dos registros produzidos ao longo dos processos, incluindo os protocolos³ escritos pelos estudantes, as fotografias, anotações de campo e os materiais cênicos elaborados durante as aulas. As experiências analisadas constituíram espaços de investigação coletiva, nos quais os estudantes foram convidados a refletir criticamente sobre situações presentes em seus cotidianos e a transformá-las em material de criação teatral.

Ao apresentar essas experiências, o artigo busca contribuir para os debates sobre as relações entre teatro, educação, gênero e sexualidade, evidenciando as possibilidades pedagógicas das práticas teatrais na construção de uma educação democrática, crítica, comprometida com o respeito às diferenças e que enfrente todos os tipos de discriminação.

² Atuei como professor substituto de Artes nesta instituição no período de fevereiro de 2025 a março de 2026.

³ Os protocolos são registros escritos pelos estudantes a partir de uma abordagem reflexiva sobre cada encontro, nos quais eles sistematizam percepções, análises e aprendizagens construídas durante a aula. Esses registros eram entregues ao final de cada aula como forma de acompanhamento do processo formativo e da experiência vivenciada.

Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:





IGREJA DO CARMO, em Itu.
Pinturas internas do Frei
Jesuino do Monte Carmelo,
um artista negro do século XVIII

"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

A matrix escolar: normas, controle e produção de subjetividades

A metáfora da Matrix, presente na obra cinematográfica dirigida por Lana Wachowski e Lilly Wachowski (1999), permite compreender a escola para além da função de transmissão de conhecimentos, uma vez que, no filme, os sujeitos vivem em uma realidade organizada por estruturas invisíveis de controle e, de modo semelhante, no contexto escolar também operam normas, discursos e práticas que produzem subjetividades, de modo que os processos educativos não se limitam aos conteúdos curriculares, mas participam da construção de modos de ser, agir e existir socialmente. Essa produção de subjetividades, como aponta Berenice Bento (2011), começa antes da entrada na escola, pois a infância já é atravessada por mecanismos que atribuem expectativas distintas aos corpos a partir do gênero, o que se evidencia, por exemplo, na socialização de brinquedos e papéis sociais:

A criança que recebe de presente bonequinhas para cuidar, dar de mamar, fogõezinhos e panelinhas, onde predomina a cor rosa, está sendo preparada para o gênero feminino [...] Ou então, se essa criança ganha revólveres, carros, bolas e outros brinquedos que estimulam a competição e exigem esforços mentais e corporais, está em curso o trabalho de fabricação do corpo para o mundo público. (Bento, 2011: 551).

Essa lógica não se encerra no ambiente familiar, pois, ao ingressar na escola, os sujeitos passam a interagir com práticas que reafirmam e regulam comportamentos considerados adequados para meninos e meninas, fazendo da instituição escolar um espaço de reprodução e manutenção das normas de gênero. Nesse contexto, o conceito de heteroterrorismo, desenvolvido por Bento (2011), ajuda a compreender os mecanismos simbólicos e materiais que asseguram a heterossexualidade como norma, não como atos isolados de discriminação, mas como estruturas contínuas de produção e fiscalização das identidades, o que se articula à pedagogia da sexualidade descrita por Guacira Lopes Louro:

[...] na escola, pela afirmação ou pelo silenciamento, nos espaços reconhecidos e públicos ou nos cantos escondidos e privados, é exercida uma pedagogia da sexualidade, legitimando determinadas identidades e práticas sexuais, reprimindo e marginalizando outras. (Louro, 2000: 18).

A Essa pedagogia se expressa de forma difusa, não apenas em conteúdos ou discursos explícitos, mas também nos silêncios, nas brincadeiras, na organização dos espaços e nas expectativas sobre os estudantes, articulando-se às análises de Foucault (2014) sobre instituições disciplinares, nas quais a organização do tempo, a vigilância, a avaliação e a

Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:





"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu • SP • 2026

classificação dos indivíduos funcionam como estratégias de produção de sujeitos que internalizam normas e regulam a si mesmos, fazendo com que a escola não apenas ensine conteúdos, mas produza formas de existência legitimadas socialmente, ao mesmo tempo em que estabelece mecanismos de correção para aqueles que escapam às normas de gênero e sexualidade.

Esses processos de regulação e silenciamento não se restringem à Educação Básica, pois, durante a minha formação inicial em Licenciatura em Teatro, também observei que discussões sobre gênero e sexualidade eram frequentemente tratadas como excessivamente complexas, polêmicas ou inadequadas, ou ainda consideradas externas aos conteúdos específicos da linguagem teatral, como se os marcadores sociais dos sujeitos pudessem ser separados da formação artística e pedagógica, o que evidencia que os processos de normalização atravessam também a formação docente, ao definir quais temas são legítimos, quais conhecimentos são valorizados e quais debates permanecem à margem.

Nesse sentido, a participação em atividades que problematizam esses sistemas de dominação se mostra fundamental para ampliar a compreensão das relações entre educação, poder e produção de conhecimento, especialmente por meio de leituras, discussões e experiências em aulas de teatro que possibilitam o contato com perspectivas críticas capazes de tensionar discursos naturalizados e questionar a suposta neutralidade dos processos educativos. Essa vivência se articula ao conceito de conscientização em Paulo Freire, que não se limita ao reconhecimento da realidade, mas envolve uma postura crítica e um compromisso ético-político com sua transformação, já que, como afirma Freire (2023: 141), os sujeitos se tornam mais conscientes à medida que “criticamente atuam sobre a situação em que estão”.

A partir desse processo, passei a compreender que experiências de violência, exclusão e silenciamento não eram episódios isolados, mas expressões de estruturas sociais mais amplas que atravessam instituições, produzindo hierarquias e regulando formas de existência reconhecidas como legítimas pela escola e pela sociedade, o que torna insustentável a ideia de neutralidade da educação, já que, como defende Freire (2018), educar é sempre um ato político que envolve escolhas e implicações éticas. Portanto, compreender a escola nessa perspectiva permite reconhecê-la como espaço de disputas entre diferentes projetos de sociedade e formas de existência, no qual práticas pedagógicas críticas podem atuar

Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:





IGREJA DO CARMO, em Itu.
Pinturas internas do Frei
Jesuino do Monte Carmelo,
um artista negro do século XVIII

"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

produzindo fissuras na Matrix e abrindo possibilidades para outros modos de ser, aprender e existir.

Tomar a pílula vermelha: a constituição de um professor de teatro comprometido com a não reprodução dos sistemas de dominação e discriminação

Utilizo a metáfora da “pílula vermelha”, presente no filme Matrix, para refletir sobre o processo de constituição da minha identidade docente, compreendendo a minha trajetória como o reconhecimento gradual dos mecanismos que regulam corpos, comportamentos e modos de existência no espaço escolar, de modo semelhante ao percurso de Neo ao perceber as estruturas invisíveis que organizam a realidade. Esse processo foi sendo construído ao longo da minha escolarização na Educação Básica (2000–2012), em escolas públicas, onde desde cedo percebia expectativas rígidas sobre como um menino deveria agir, falar e se relacionar, sendo frequentemente colocado em posição de diferença por não corresponder a essas normas. Essas diferenças foram intensificadas por práticas de vigilância, correção e violência, como comentários, apelidos e piadas, que funcionavam como mecanismos de regulação, gerando efeitos de medo, insegurança, isolamento e inadequação.

Nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio, essas violências se tornaram mais recorrentes, especialmente por minha não correspondência aos padrões de masculinidade hegemônica, muitas vezes naturalizadas no ambiente escolar e invisibilizadas como algo sem importância. Foi nesse contexto que tive meu primeiro contato com o teatro, inicialmente como atividade escolar, experiência que ampliou minhas possibilidades de existência ao me colocar em contato com jogos, improvisações e processos criativos que instauravam um espaço diferente daquele cotidiano, no qual escuta, imaginação, expressão e diferença não eram tratadas como problemas a serem corrigidos.

A continuidade dessa experiência, no curso livre de teatro e posteriormente na Licenciatura em Teatro na UESB, ampliou minha compreensão sobre as relações entre arte, educação, identidade e existência, permitindo perceber que as violências vividas não eram casos isolados, mas expressões de estruturas sociais que produzem hierarquias e regulam identidades. Nesse sentido, tomar a pílula vermelha passa a significar o reconhecimento crítico dessas estruturas e a compreensão de que a escola não é um espaço neutro (Freire,

Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:





"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

2018), mas um território atravessado por disputas nas quais diferentes concepções de corpo, gênero, sexualidade e existência são produzidas, legitimadas ou silenciadas (Bento, 2011).

Ao longo da formação docente, especialmente a partir do contato com o Teatro do Oprimido e a Peça Didática, passei a compreender o teatro não apenas como linguagem artística, mas também como prática pedagógica voltada à reflexão crítica e à transformação social, permitindo ressignificar experiências antes vividas apenas como sofrimento individual em questões coletivas e historicamente construídas. Foi a partir desse processo que se consolidou meu compromisso com uma prática docente voltada à valorização da diversidade e à problematização das normas que regulam corpos e sexualidades no contexto escolar, entendendo o teatro como espaço de resistência, escuta e produção de outras possibilidades de existência, orientando minha atuação pelas experiências concretas dos estudantes e pelas relações de poder do cotidiano escolar, em diálogo com o Teatro do Oprimido como referência metodológica e política.

Como afirma Boal (2019: 21), “fazer Teatro do Oprimido já é o resultado de uma escolha ética que implica, na prática, tomar o partido dos oprimidos”. Reconheço nessa afirmação um princípio central da minha atuação docente, na medida em que a escolha pelo teatro como dispositivo artístico-pedagógico e a abordagem de temas como diversidade, gênero e sexualidade não decorrem apenas de um interesse acadêmico, mas de uma trajetória atravessada por experiências de exclusão, resistência e transformação, que consolidam o sentido de “tomar a pílula vermelha” como reconhecimento crítico das estruturas que produzem desigualdades e violências, bem como compromisso ético com a construção de práticas educativas capazes de questioná-las e de afirmar múltiplas formas de existência.

Falhas na Matrix: Teatro do Oprimido e Peça Didática como práticas de transgressão

Se, conforme discutido anteriormente, a escola pode operar como uma espécie de Matrix, produzindo normas, regulando comportamentos e definindo modos legítimos de existência, torna-se necessário pensar práticas artístico-pedagógicas capazes de tensionar esses mecanismos. É nesse contexto que situa-se o Teatro do Oprimido e a Peça Didática como referências fundamentais da presente investigação.



IGREJA DO CARMO, em Itu.
Pinturas internas do Frei
Jesuino do Monte Carmelo,
um artista negro do século XVIII

"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu • SP • 2026

O Teatro do Oprimido, em sua abordagem metodológica, reúne práticas voltadas à análise crítica da realidade e ao enfrentamento das opressões, ao questionar a separação entre quem observa e quem atua por meio da figura do espect-ator, sujeito que participa ativamente da construção e transformação da cena, em diálogo com a educação problematizadora de Freire (2023), que compreende o conhecimento como resultado da reflexão crítica e da ação coletiva. Entre suas técnicas, destaca-se o Teatro-Imagem, utilizado nesta pesquisa por possibilitar a materialização corporal de experiências e relações de poder naturalizadas no cotidiano escolar, permitindo identificar situações de opressão, refletir sobre suas causas e ensaiar possibilidades de transformação.

A Peça Didática, por sua vez, também compreende o teatro como espaço de aprendizagem e investigação crítica, privilegiando o processo em vez do espetáculo, no qual os participantes analisam situações, experimentam diferentes ações e problematizam contradições sociais por meio de um modelo de ação aberto à experimentação e à ressignificação dos conflitos. Embora possuam origens e procedimentos distintos, ambas as metodologias compartilham o compromisso com a formação de sujeitos críticos, criando condições para o reconhecimento de mecanismos de opressão, o questionamento de processos de naturalização e a construção coletiva de novas formas de compreender e intervir na realidade.

Construindo Zion: práticas artístico-pedagógicas de enfrentamento às opressões de gênero e sexualidade⁴

Aqui, apresento experiências que constituem um espaço de investigação pedagógica e artística voltado à problematização das questões de gênero e sexualidade no contexto escolar, desenvolvidas com estudantes do 1º ano do Ensino Médio e articuladas a procedimentos teatrais inspirados nas abordagens citadas, possibilitando a construção de processos criativos a partir das experiências dos próprios participantes. Essas ações foram organizadas em duas experiências principais que, embora realizadas em momentos distintos, entre março e novembro de 2025, dialogam entre si por compartilharem questões relacionadas às normas de

⁴ Embora este trabalho tenha como recorte central as questões de gênero e sexualidade, é importante destacar que outros marcadores sociais da diferença, como raça, classe social e demais formas de desigualdade, também emergiram e foram tematizados nas cenas e discussões desenvolvidas com os estudantes.

Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:





IGREJA DO CARMO, em Itu.
Pinturas internas do Frei
Jesuino do Monte Carmelo,
um artista negro do século XVIII

"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

gênero, às experiências de opressão e aos mecanismos de produção e manutenção das desigualdades, compreendendo o teatro, em ambas, não apenas como linguagem artística, mas como prática de investigação da realidade e produção de conhecimento.

Na primeira experiência, os estudantes foram convidados a refletir sobre situações de opressão relacionadas às questões de gênero e sexualidade a partir de procedimentos inspirados no T. O. Por meio de jogos, exercícios corporais e Teatro-Imagem, os participantes transformaram experiências cotidianas em material cênico, produzindo imagens e cenas que evidenciavam os conflitos presentes em seus contextos de vida.

O trabalho iniciou-se com jogos de integração, percepção corporal e desmecanização, criando condições para a construção de um ambiente de confiança e escuta coletiva. Posteriormente, os estudantes passaram a elaborar imagens corporais que representavam situações de violência, exclusão, silenciamento e preconceito observadas ou vivenciadas no cotidiano da escola. Essas imagens não eram entendidas como representações acabadas, mas como dispositivos para análise.

Ao observar e discutir as imagens produzidas, os estudantes passaram a identificar mecanismos de opressão frequentemente naturalizados nas relações cotidianas e sociais. As discussões realizadas após cada exercício possibilitaram a emergência de temas relacionados às normas de gênero, à homofobia, à transfobia e às diferentes formas de violência simbólica presentes na escola.

A transformação dessas imagens em cenas e performances ampliou as possibilidades de investigação. Nesse procedimento, os conflitos eram apresentados coletivamente e, posteriormente, reencenados com a participação da plateia, que podia intervir diretamente na ação. Dessa forma, os estudantes deixavam de ocupar apenas a posição de espectadores e passavam a experimentar diferentes estratégias de enfrentamento das situações apresentadas.

Essa transição aproxima-se da concepção de Boal (2019), para quem o teatro deve atuar como ensaio para a transformação da realidade. Ao intervir nas cenas, os estudantes não buscavam encontrar soluções definitivas para os conflitos, mas experimentar possibilidades de ação diante das opressões representadas.

Os protocolos produzidos pelos alunos evidenciaram que o processo favoreceu a ampliação da percepção crítica sobre as relações de poder presentes no cotidiano escolar. Muitos relatos apontaram para a descoberta de situações anteriormente percebidas como

Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:





IGREJA DO CARMO, em Itu.
Pinturas internas do Frei
Jesuino do Monte Carmelo,
um artista negro do século XVIII

"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento" dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

naturais e que passaram a ser compreendidas como formas de opressão passíveis de questionamento e transformação.

A segunda experiência teve como eixo a investigação da peça didática *Aquele que diz sim / Aquele que diz não*, de Brecht. Diferente de uma montagem convencional, a proposta consistiu em utilizar o texto como modelo de ação, compreendendo-o como uma estrutura aberta para a experimentação coletiva. Inspirado pelas discussões de Vicente Concilio (2016), o trabalho foi organizado a partir da compreensão de que a peça didática não deve ser tratada como obra acabada a ser reproduzida, mas como dispositivo para investigação.

Nesse sentido, o texto passou a funcionar como matriz para a criação de novas situações e para a análise crítica dos costumes e normas presentes na realidade dos estudantes. Inicialmente, foram realizados exercícios de leitura, improvisação e construção de imagens inspiradas nos conflitos apresentados pela peça. A partir dessas atividades, os estudantes passaram a investigar as tensões existentes entre aceitar ou questionar determinadas imposições sociais, estabelecendo relações entre o texto brechtiano e as suas próprias experiências.

Os quadros cênicos produzidos nesse momento possibilitaram aprofundar a análise das relações de submissão e resistência presentes em diferentes contextos, como apontado por Hermes⁵ em seu protocolo, o trabalho permitiu compreender que uma mesma situação pode comportar respostas distintas e produzir consequências diferentes, mudando a atividade da simples representação para a problematização crítica.

Posteriormente, os estudantes passaram a investigar fragmentos do texto por meio de exercícios corporais que exploravam variações de voz, deslocamento, ritmo, intensidade e ocupação do espaço. A proposta não consistia na memorização das falas, mas na exploração das ideias presentes nos trechos selecionados.

Nesse processo, observou-se aquilo que Brecht compreende como imitação crítica, dado que ao invés de reproduzirem mecanicamente os personagens da peça, os jogadores passaram a reinterpretá-los a partir de referências do próprio cotidiano. O protocolo de Stella evidencia esse movimento ao relatar que utilizou diferentes professores como referência para

⁵ Por uma questão ética e de preservação das identidades dos participantes, os nomes dos estudantes foram substituídos por nomes poéticos e/ou de personagens escolhidos pelos próprios jogadores ao longo do processo criativo.

Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:





IGREJA DO CARMO, em Itu.
Pinturas internas do Frei
Jesuino do Monte Carmelo,
um artista negro do século XVIII

"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu • SP • 2026

construir suas personagens, explorando distintas formas de autoridade, acolhimento e opressão presentes no ambiente escolar.

À medida que o trabalho avançava, novas questões emergiam das discussões coletivas. Foi nesse contexto que os próprios estudantes propuseram investigar as dificuldades enfrentadas por pessoas trans em relação ao uso do nome social na escola. A proposta foi acolhida pelo grupo e transformou-se no principal eixo temático das composições finais.

A partir desse momento, foram desenvolvidas atividades de pesquisa sobre a origem dos nomes dos participantes, reflexões sobre processos de nomeação e debates acerca do significado social e político do nome social. Os relatos produzidos pelos estudantes evidenciaram que o nome ultrapassa a sua dimensão burocrática e participa diretamente da constituição das identidades e dos processos de reconhecimento social.

As discussões permitiram compreender que a negação do nome social não constitui um gesto isolado, mas integra mecanismos mais amplos de exclusão que afetam especialmente pessoas trans e essas reflexões passaram a orientar a construção das cenas finais.

Como resultado, os estudantes criaram duas versões inspiradas na estrutura de *Aquele que diz sim / Aquele que diz não*, na primeira composição, acompanhava-se a trajetória de Daniela, uma mulher trans que, pressionada pela violência dos colegas e pela imposição dos costumes, renuncia à sua identidade e ao seu nome social. A cena culminava em um desfecho trágico, evidenciando os efeitos produzidos pela exclusão sistemática. Na segunda composição, o personagem Pedro recusa a imposição dos costumes e encontra apoio para afirmar a sua identidade. Diferente da versão anterior, a cena apresentava a possibilidade de transformação coletiva, na qual colegas e instituição escolar passam a reconhecer e respeitar o seu nome social.

A comparação entre as duas versões evidencia uma das principais contribuições do modelo de ação brechtiano, na qual ao construir diferentes respostas para uma mesma situação, os estudantes puderam analisar criticamente os mecanismos sociais envolvidos na produção da opressão e refletir sobre possibilidades concretas de transformação.

As reflexões registradas nos protocolos demonstram que os participantes estabeleceram relações consistentes entre as cenas e as situações vividas no cotidiano, como destaca Stella, as apresentações possibilitaram compreender que muitas pessoas deixam de ser

Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:





"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

quem são devido às pressões exercidas pelos costumes, pelos preconceitos e pelas expectativas sociais.

As duas experiências revelaram importantes potencialidades pedagógicas, mostrando o teatro como espaço capaz de promover diálogo sobre temas frequentemente silenciados na escola, favorecendo processos de escuta, colaboração e reflexão crítica, além de possibilitar aos estudantes ocuparem posições de protagonismo na produção do conhecimento, ao participarem ativamente da definição dos temas, metodologias e formas de composição. Ao mesmo tempo, o trabalho evidenciou desafios relacionados às resistências produzidas pelas próprias normas sociais investigadas, já que questões de gênero e sexualidade continuam mobilizando tensões no contexto escolar, exigindo dos educadores constante negociação, escuta e mediação.

Ainda assim, as experiências desenvolvidas no âmbito do Construindo Zion demonstram que o Teatro do Oprimido e a Peça Didática constituem importantes referenciais para a construção de práticas pedagógicas comprometidas com a problematização das desigualdades e com o reconhecimento e a valorização das diferenças. Em ambos os casos, o teatro operou como espaço de investigação coletiva da realidade, permitindo que os estudantes analisassem criticamente os mecanismos de opressão presentes em seus cotidianos e experimentassem outras formas de existir, relacionar-se e transformar o mundo que habitam.

Considerações finais

Este artigo buscou analisar as contribuições de duas abordagens metodológicas do teatro na construção de experiências pedagógicas voltadas às discussões sobre gênero e sexualidade na escola, a partir das práticas desenvolvidas no projeto Construindo Zion, compreendendo o teatro como linguagem capaz de promover reflexão crítica, escuta, diálogo e produção coletiva de conhecimento. As experiências apresentadas evidenciaram que as questões de gênero e sexualidade atravessam o cotidiano escolar, manifestando-se nas relações, nos discursos e nos modos de reconhecimento ou exclusão dos sujeitos, permitindo que os estudantes investigassem essas temáticas a partir de suas próprias vivências e transformassem o cotidiano em material de análise e criação.

Os procedimentos metodológicos mostraram-se potentes para uma educação crítica e democrática, pois, enquanto uma abordagem favoreceu a problematização das relações de



"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

opressão e a experimentação de alternativas de ação, a outra contribuiu para a análise das normas e costumes sociais por meio do modelo de ação, estimulando o posicionamento crítico dos participantes diante da realidade. Essas experiências também reforçam a compreensão da escola como espaço de disputa de narrativas, no qual diferentes concepções de gênero, sexualidade e identidade são tensionadas, ao mesmo tempo em que evidenciam seu potencial como lugar de acolhimento, reconhecimento e produção de novos modos de existência.

Nesse sentido, espera-se que esta pesquisa contribua para ampliar os debates sobre as relações entre teatro, educação, gênero e sexualidade, incentivando novas investigações e práticas pedagógicas comprometidas com a valorização da diversidade, dos direitos humanos e da formação crítica dos estudantes.

REFERÊNCIAS

BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. In: **Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 549-559, maio/ago. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2011000200016/19404>. Acesso em: 11 out. 2015.

BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**. São Paulo: Editora 34, 2019.

BRECHT, Bertolt. **Teatro completo**. v. 3. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.

CONCILIO, Vicente. **BadenBanden**: modelo de ação e encenação no processo com a peça didática de Bertolt Brecht. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalhete. 42. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 57. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. Organização e participação de Ana Maria de Araújo Freire. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 87. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.



opae.com.br/

